

Desejo de analista e travessia da miséria

Leonardo Lopes

Resumo

Fornecer ou não recibo? Eis uma pergunta que tem inquietado razoavelmente os psicanalistas sobre as contingências do ato analítico e sua coerência em relação à política do inconsciente. Porém, tais procedimentos, eles pertencem à ética da tática da transferência ou dizem respeito às exigências da cidade, apontando para o risco sorrateiro da regulamentação da psicanálise? Decerto, o discurso analítico encontra sua radicalidade e eficácia ao promover um giro na economia de gozo do sujeito, engendrando-o em um novo aparelhamento, desde o qual é possível sustentar um ofício não a partir de relações de troca, mas pelo valor digno do objeto que a experiência de uma análise pode produzir. Utilizando como referências uma formação do inconsciente e a produção cinematográfica de Agnès Varda, *Os catadores e eu* (2000), para desdobrar a dedução de que o desejo de analista opera e acontece a partir de uma travessia da miséria, o presente artigo visa a dar o testemunho de que é entre os catadores que deve ser incluído o ato econômico de um analista. Ou seja, de que é dos restos, dos pedaços e dos fragmentos que se podem extrair os recursos para a manutenção do ensino e da transmissão da psicanálise.

Palavras-chave:

Desejo de analista; Economia de gozo; Agnès Varda.

Analyst's desire and journey through the misery

Abstract

To give or not to give a receipt? This is a question that has reasonably unsettled psychoanalysts about the contingencies of the analytic act and its coherence in relation to the politics of the unconscious. But do these procedures belong to the ethics of the tactic of transference, or do they concern the demands of the city, pointing to the sneaky risk of regulating psychoanalysis? Certainly, the analytical discourse finds its radicality and efficacy in promoting a turn in the subject's economy of jouissance, engendering it in a new apparatus, from which it is possible to sustain a trade not from exchange relations, but from the worthy value of the waste that the experience of an analysis can produce. Using as references a formation of the unconscious and Agnès Varda's film *The Glea-*

ners and I (2000) to unfold the deduction that the desire to be an analyst operates and happens from a journey through misery, this article aims to bear witness to the fact that it is among the gleaners that the economic act of an analyst must be included. In other words, that it is from the scraps, pieces, and fragments that resources can be extracted to maintain the teaching and transmission of psychoanalysis.

Keywords:

Analyst's desire; Economy of jouissance; Agnès Varda.

Deseo de analista y travesía por la miseria

Resumen

¿Dar o no dar un recibo? Esta es una pregunta que ha inquietado razonablemente a los psicoanalistas sobre las contingencias del acto analítico y su coherencia en relación con la política del inconsciente. Pero ¿pertenecen estos procedimientos a la ética de la táctica de la transferencia o conciernen a las exigencias de la ciudad, señalando el riesgo solapado de reglamentar el psicoanálisis? Ciertamente, el discurso analítico encuentra su radicalidad y eficacia en promover un giro en la economía del goce del sujeto, engendrándolo en un nuevo aparato, a partir del cual es posible sostener un oficio no a partir de relaciones de intercambio, sino por el valor digno de los residuos que la experiencia de un análisis puede producir. Tomando como referencias una formación del inconsciente y la película de Agnès Varda *Los espigadores y la espigadora* (2000) para desdoblar la deducción de que el deseo de analista opera y acontece a partir de una travesía por la miseria, este artículo pretende dar testimonio de que es entre los espigadores que debe incluirse el acto económico de un analista. En otras palabras, que es de las sobras, pedazos y fragmentos que se pueden extraer recursos para mantener la enseñanza y la transmisión del psicoanálisis.

Palabras clave:

Deseo del analista; Economía de goce; Agnès Varda.

Désir de l'analyste et la traversée de la misère

Résumé

Donner ou ne pas donner un reçu ? C'est une question qui a raisonnablement troublé les psychanalystes sur la contingence de l'acte analytique et sa cohérence par rapport à la politique de l'inconscient. Mais ces procédures relèvent-elles de l'éthique de la tactique du transfert ou concernent-elles les exigences de la cité, en pointant le risque sournois d'une régulation de la psychanalyse ? Certes, le discours analytique trouve sa radicalité

et son efficacité dans la promotion d'un tournant dans l'économie de la jouissance du sujet, par l'engendrement dans un nouveau dispositif, à partir duquel il est possible de soutenir un métier pas à partir de relations d'échange, mais au travers de la valeur digne du déchet que l'expérience d'une analyse peut produire. En s'appuyant sur une formation de l'inconscient et sur le film d'Agnès Varda *Les Glaneurs et la glaneuse* (2000) pour déployer la déduction selon laquelle le désir d'être analyste s'opère et se produit à partir d'une traversée de la misère, cet article vise à témoigner du fait que c'est parmi les glaneurs que doit s'inscrire l'acte économique de l'analyste. Autrement dit, que c'est à partir des restes, des morceaux et des fragments qu'il y peut extraire des ressources pour maintenir l'enseignement et la transmission de la psychanalyse.

Mots-clés :

Désir de l'analyste ; Économie de jouissance ; Agnès Varda.

Fornecer ou não recibo? Eis uma pergunta que tem inquietado razoavelmente os psicanalistas sobre as contingências do ato analítico e sua coerência em relação à política do inconsciente. Mas, tais procedimentos, eles pertencem à ética da tática da transferência ou dizem respeito às exigências da cidade, apontando para o risco sorrateiro da regulamentação da psicanálise?

Na prática clínica, seja entre os que traficam a psicanálise nas instituições, seja nos consultórios daqueles que também se regulamentam como profissionais do campo “psi”, observa-se a atualização de um choque permanente entre a política do inconsciente e as leis da cidade que tributam os corpos e seus restos, o que exige da Escola de analistas a crítica assídua sobre os impasses de sustentar o discurso analítico no século XXI.

É preciso reconhecer que, apesar dos esforços em garantir a originalidade da experiência analítica e sua ética real, por vezes o casamento do neoliberalismo com o aparelho jurídico tem “assediado” o ofício da psicanálise — como resultado disso, é possível elencar: a emergência de cursos profissionalizantes de graduação e pós-graduações em psicanálise; a inscrição da categoria “psicanalista” na declaração de imposto de renda anual; a importação de impasses para as discussões clínicas, como fornecer ou não recibo, que não pertencem aos princípios de nossa prática, entre outros. Esse é um debate que divide os psicanalistas e que não pode deixar de lado a atenção a certa benevolência ao discurso capitalista, capaz de ignorar o princípio paraconsistente de que nem tudo o que está fora da lei é ilegal.

Mas, afinal, o que leva um sujeito a iniciar uma psicanálise? Decerto, aquele que não é leigo poderá recorrer à história mal contada de ser psicanalista. Mas, no bem dizer da verdade, o que se recolhe entre analisantes, em formação permanente ou não, é que o que se quer é amar com mais dignidade, dormir sem grandes

turbulências e trabalhar de maneira coerente ao próprio desejo. Quanto ao último efeito, o discurso analítico encontra sua radicalidade e eficácia ao promover um giro na economia de gozo do sujeito, engendrando-o em um novo aparelhamento, desde o qual é possível sustentar um ofício não a partir de relações de troca, mas pelo valor digno do dejetivo que a experiência de uma análise pode produzir.

Podem-se escrever duas modalidades de tratamento do dinheiro, sendo a primeira delas a da miséria do significante. Embora o inconsciente seja um trabalhador incansável, posto que é um saber que não pensa nem calcula, tal como afirma Lacan (1973/2003) em “Televisão”, ao aparelhá-lo como um discurso em sua cura, o analisante encontra na escrita fantasmática uma estratégia fracassada de medir o incalculável — nessa conta, o sujeito (S) atualiza sua entrada escravizada na linguagem ao se dirigir ao amo (S_1) como proprietário dos meios de produção de saber (S_2) em um enlace cuja diferença entre a libido investida e aquela de fato utilizada é um resto, um mais-de-gozar (a). Se, por um lado, o cálculo neurótico de gozo fracassa por não existir significante que tenha sucesso em representar a verdade em jogo, por outro a incidência significativa sobre o sujeito produz uma perda de gozo em cuja busca por recuperação se deparará com chibatadas cada vez mais sofisticadas e dolorosas — tal movimento perpétuo de perda, recuperação e consumo será simbolizado na infinitização da cadeia de sentido. Tomado pela ganância linguageira de querer sempre falar mais um pouco, o analisante saca do capitalismo ferramentas clichês para interromper ou prolongar sua cura, mas na miséria do significante nunca há dinheiro suficiente para uma análise interminável.

Sob as diretrizes de uma colonização de exploração, o sujeito se submete ao capital com seu corpo, vacilando pela pressa nas tentativas de se sustentar com os excessos sempre “muito poucos”: “eu estou na bosta”! Entre as dívidas — os embaraços para pagar suas sessões, a correria condicionada por *time is money*, falando bastante merda, entre outros mal-entendidos na contabilidade de seu gozo — que se manifestam e se repetem no laço transferencial por meio do circuito infernal da demanda, o sujeito tenta desatar esse nó entre o capital e seus detritos. Assim nos mostra a prática clínica: para uma análise ser levada até seu fim, prescindir do tratamento da analidade não é o caminho — satisfação largamente explorada por Freud, a modulação esfínteriana participa da tessitura dos primeiros laços de negociação do sujeito, quando, ainda às margens da lógica do capital, na temporada de sua alfabetização, o sujeito oferece como moeda de troca aquilo que é capaz de produzir com seu próprio corpo, ou seja, os próprios excrementos. Em *Caráter e erotismo anal*, Freud (1908/1996) inclusive observa que, por meio das práticas eróticas anais durante a infância, o sujeito manifesta pistas da singularidade de sua atividade econômica, na amarração de dinheiro, e as aceções de valor com as funções corporais fundamentais de excreção:

Ordeiro tanto abrange a noção de esmero individual como o escrúpulo no cumprimento de pequenos deveres e a fidedignidade. O contrário de ordeiro seria descuidado e desordenado. A parcimônia pode aparecer em forma exagerada como avareza, e a obstinação pode transformar-se em rebeldia, à qual podem facilmente associar-se à cólera e os ímpetos vingativos. (Freud, 1908/1996, p. 159)

A sofisticação da vida pulsional, no entanto, implica um deslocamento do investimento erógeno, tal como afirma Freud, restando apenas uma parcela na finalidade sexual; ou seja, o processo sublimatório, nesses termos, produz consequências no corpo gozante do sujeito. A condição miserável à qual ele se submete em sua resposta à castração é atualizada na transferência, e elevar sua merda em sua dignidade será possível em sua cura se um analista, como afirma Freud (1908/1996), ocupar-se não apenas dos complexos monetários, mas também de todas as suas ramificações.

Revolvendo os detritos da política econômica de seu inconsciente, o sujeito se depara com a angustiante constatação de que sua conta não fecha. Diante do silêncio do analista, como saber o valor justo do inconsciente: pagar a mais ou a menos uma sessão? Entre as equações que abordam seu real, em uma prova de interpretação de texto, esse que ainda se aperta com seu sintoma pode deduzir novas inquietações, essas capazes de conduzi-lo a uma prática forjada às margens do mercado: o que se paga em uma análise e onde declarar a matéria orgânica advinda do cultivo da palavra?

Eis a decisão advinda de um resto onírico do analisante: subir no ônibus escolar. Ainda assim, onde se sentar? Posiciona-se à porta, às mãos um pote de vidro repleto de moedas. Escuta de maneira “ab-surda” as conversas pelos corredores e, ciente de que há um impossível de se transmitir, levanta-se e diz “hora de recolher”, dirigindo-se aos passageiros. Do “bisbilhoteiro” ao passador, torna-se “re-levante” o efeito de interpretação que recupera o caráter infantil do personagem bilheteiro, quando o *infans*, sem a viabilidade de uma mesada do Outro, respiga as moedas deixadas ou esquecidas pelos adultos.

Atento à passagem da miséria do significante à riqueza da letra, por meio dessa designação (passador), o analista dirige o tratamento para seu fim. Regido pela moeda do real e no reverso da contabilidade, em vez de fornecer ao sujeito um recibo que possa ressarcir-lo da falta estrutural, a tática da transferência lhe permite circunscrever a aposta de seu corte: a partir de um erro de cálculo (o desencontro entre sua demanda de troca e o valor que o analista confere à sua palavra) é que o analisante pode empreender um levante político cujo efeito é uma virada ético-econômica — em posse de sua língua como meio de produção, passa ao ato de

analista, inscrevendo-se como sujeito no real (*a*) quando faz da letra (*S*) sua fortuna (*S*) e a verdade da causa de um ofício pelo qual possa se sustentar, virando-se sozinho entre catadores de lixo.

Aqui, faz-se referência ao escrito de Agnès Varda (2000), *Os catadores e eu*. Nele, a cineasta franco-belga nos apresenta a figura do respigador, personagem que recolhia restos e sobras deixados pela colheita e que, à primeira vista, não eram mais aproveitáveis. Atravessando a história e o território da França, Varda transmite o paradoxo de uma prática que nunca deixou de ser exercida e que, embora em famílias mais abastadas tenha assumido o caráter de costume transmitido entre diferentes gerações, é entre andarilhos e desempregados à margem do capitalismo que o respigar assume seu papel de modo de sustentação. Apesar de não ser regulamentada pela lei, não se trata de uma prática ilegal, e a cineasta nos dirige aos centros urbanos onde se encontram os respigadores de material artificial: artistas que tomam as ruas em busca de papelão, madeira e todo tipo de sucata passíveis de uso não para o consumo, mas para elevá-los à dignidade da coisa, como uma obra de arte. Tal como Varda, que entre eles se inclui como cineasta, inscrevo o ofício de analista.

Recuperamos a precisão de Lacan sobre sua invenção que se escreve como real, porque a presença de analista é isso que se traduz em uma letra que dá ao discurso analítico seu estatuto “...do que nomeio a propósito de que o homem se coloque no lugar do lixo que ele é — pelo menos aos olhos de um psicanalista, que tem uma boa razão para saber disso, pois ele mesmo se coloca nesse lugar” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 120). Desde um sonho que se realiza, entre tantos fragmentos é que um analista pode extrair os recursos para a manutenção do ensino e da transmissão da psicanálise — fortuna, como diriam os romanos; para os gregos, *Tykhé*, a sorte do que cai como caso.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1996). Caráter e erotismo anal. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 157-164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Varda, A. (2000). *Les glaneurs et la glaneuse*. Paris: Cine Tamaris Distribuição.

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023